

# ETNICEX

diciembre 2015 número 7

revista de estudios etnográficos



EDICIÓN

APEA (Asociación Profesional Extremeña de Antropología)

© APEA (Asociación Profesional Extremeña de Antropología)  
Cáceres España

ISSN 2172-7635  
eISSN 2255-1879

Depósito legal CC-670-2010

PORTADA

Dionisio S. Durán

DISEÑO

Infinito Estudio

IMPRESIÓN

Indugrafic Digital

©De los textos y las imágenes sus autores

Suscripción anual: 20 €

Precio de número suelto: 20 €

Solicitud de suscripción y canje: Apartado postal 3, Cáceres (España)

[apea.ex@gmail.com](mailto:apea.ex@gmail.com)

Colabora



**DIPUTACIÓN DE BADAJOZ**  
ÁREA DE CULTURA Y DEPORTE



# RECENSIONES BIBLIOGRÁFICAS

Literature Recens



Francisco Martins Ramos (2014)  
**O JARDINEIRO DO CACUACO:  
TEMAS ANTROPOLÓGICOS**

Edições Colibri, Lisboa, 229 págs.

**Rosalina Pisco Costa**

Universidade de Évora & CEPES (Portugal)

---

Existirão certamente mais jardins que jardineiros e, definitivamente, mais lugares da Antropologia que Antropólogos. No panorama português, Francisco Martins Ramos é o Antropólogo ao Sul. Docente universitário por mais de 30 anos na Universidade de Évora (Portugal), aí percorreu todas as etapas da carreira académica, de Assistente Estagiário a Professor Catedrático e a ela continua ligado como Professor Emérito, título que lhe foi atribuído em 2010. Ao longo destes anos, ensinou, investigou e publicou inúmeros livros e artigos sobre temas clássicos da Antropologia e Etnografia, como o estudo de comunidades e a mudança sociocultural. Para além de a *sua* aldeia (Amareleja), levou inúmeros outros lugares do Alentejo para a Antropologia: Monsaraz, Barrancos, Castelo de Vide ou Alqueva. Elegeu como objectos de estudo particulares a vida e as sociabilidades quotidianas, as al-cunhas e a identidade cultural, a alimentação e as actividades, artes e ofícios tradicionais, mas também a globalização, a tecnologia, o poder ou a religião. Inicialmente mais centrado no estudo de comunidades, foi esse mesmo estudo, principalmente o trabalho de campo que realizou em Vila Velha (Monsaraz), que o levou a interessar-se pela temática do turismo e narrativas de viagens. Na academia portuguesa é-lhe unanimemente reconhecido um papel fundamental na institucionalização dos estudos em Turismo, nomeadamente na Universidade de Évora, tendo sido de sua iniciativa a criação em 2003 do curso de licenciatura em Turismo e Desenvolvimento, entretanto renomeado para 1.º ciclo de estudos em Turismo. Em 2012, já aposentado da Universidade de Évora, foi convidado pela Universidade Metodista de Angola a colaborar na oferta formativa ao nível dos estudos superiores em Turismo a funcionar na zona do Cacuaco, Província de Luanda. Aí foi responsável pela criação do Curso de Licenciatura em Turismo, Gestão Hoteleira e Animação, onde assegura a leccionação das disciplinas de Antropologia Cultural, Antropologia do Turismo, Turismo Ambiental e Geografia do Turismo.

O *Jardineiro do Cacuaco* é o nono livro de Francisco Martins Ramos. Trata-se de uma obra eminentemente académica, orientada para estudantes de Antropologia mas, sobretudo

para os seus alunos, antigos e actuais, que certamente gostarão de (re)encontrar em formato de livro textos de cariz antropológico, alguns inéditos, outros já publicados e agora actualizados. Ao todo, e para além das palavras prévias e de um Prefácio docemente intitulado “Os Exercícios de Francisco Ramos ou a Ternura da Memória”, da autoria de Jorge Gaspar, a obra é composta por dezoito textos tematicamente diferenciados e de estrutura, dimensão e estilo narrativo variável, a que se junta um pequeno conto, o qual, aliás, dá o nome ao volume.

No livro que agora vem à estampa pelas Edições Colibri, Francisco Martins Ramos reúne alguns dos já clássicos lugares da Antropologia, revê e acrescenta outros e a todos dá profundidade. Da superfície para o fundo, este é um livro de e sobre lugares: geográficos, académicos, simbólicos e, também, afectivos. E em todos esses lugares a Antropologia respira; é não apenas o substantivo mas também o verbo que o autor habilmente conjuga da sociedade vila-velhense ao mundo globalizado, como aliás tinha já insinuosamente demonstrado em *De Monsaraz a Melbourne: Reflexões Antropológicas numa Era Global* (Edições Colibri, 2012).

230 | Mas percorramos tais lugares com a curiosidade e entusiasmo de quem subtilmente é convidado a afastar a folhagem e a flor da acácia que ilustra a capa. Primeiro, os geográficos. “Este livro nasceu em Angola”. É assim que iniciam as palavras prévias ao *corpus* da obra. E terá sido um “episódio acidental que inspirou o primeiro texto [...]”. Eis o primeiro estranhamento que encontramos na obra, reconhecido aliás pelo próprio autor: “[...] pode parecer estranha esta opção de iniciar um volume orientado para os meus alunos, ex-alunos e amigos, com um texto de ficção.” (p. 17). Entre parêntesis, atrever-me-ia a dizer que, contrariamente ao que pensa, não é de estranhar, para quem conhece Francisco Martins Ramos, que comece um livro precisamente com um conto. Quem teve – porventura, tem ainda – o privilégio de assistir às suas aulas, de ler não apenas os seus livros mas também alguns dos seus poemas, sabe que Francisco Martins Ramos é um excelente *contador de histórias*. E de *estórias*. Não existe talvez melhor exemplo que a história da água, o vento e a vergonha que se encontraram certo dia e iniciaram viagem juntos. A sua leitura (p. 66) traz à memória – colectiva, certamente, entre muitos dos seus antigos alunos – a mesma história narrada em visitas de estudo que o Professor durante anos guiou em Monsaraz, impressionistamente escutada por todos quantos, *in loco*, o seguiam atentamente ao mesmo tempo que sentiam no rosto o vento fresco e brando característico da pedregosa e dominadora escarpa onde a Vila está situada. Mas fechado o parêntesis, o autor prontamente esclarece, “[...] foi Angola que mo inspirou [o texto de ficção] e serve de aperitivo para considerações mais científicas e pragmáticas” (p. 17).

Nas palavras de Jorge Gaspar, *O Jardineiro do Cacuaco* encerra uma “multidimensionalidade alegórica” (p. 12). E assim é. Justamente, é a partir da vila do Cacuaco e do quotidiano de Ezequiel, um jardineiro cujo ofício é tratar de plantas, arbustos e árvores tropicais, que o(a) leitor(a) é simultaneamente surpreendido e seduzido pela história. E mesmo o(a) menos atento(a), não será certamente alheio(a) ao modo como ao transportar para o conto o dia-a-dia, vocabulário e imaginário próprio de personagens localizadas num espaço e tempo particulares, o autor-escritor-antropólogo está, mais que nunca, atento às (recentes) transformações da Luanda metropolitana dos nossos dias.

África é também o fio condutor que de forma manifesta une muitos outros textos deste livro. Em “Antropologia, África, Personalidades”, o autor trata de modo particular três

académicos indelevelmente ligados ao continente africano: António Fialho Pinto, Ruy Duarte de Carvalho e Eduardo Cruz de Carvalho. Adiante, debruça-se também sobre Léopold Senghor, num texto autónomo que tem como sub-título “De Joal-la-Portugaise a Évora”. Dos espaços geográficos territorialmente situados onde nasceram, viveram ou trabalharam esses intelectuais, o autor introduz-nos, depois, em “Uma comunidade excêntrica”. Inspirado por “The Nacirema” de Horace Miner (1956) e “O Fenómeno OCSID”, publicado em 1985, a descrição desta comunidade deixa-nos – a todos – a pensar sobre como as relações de poder e de género se imbricam no quotidiano e ajudam a compreender, quer o dia-a-dia, quer os momentos de ruptura e excepção, como a festa. Por fim, em “Da Lusofonia à Lusofilia”, texto-ensaio sobre portugalidade e lusofonia em perspectiva antropológica, o autor aprofunda e estende a reflexão em torno do contacto de culturas e da construção da identidade e alteridade na relação entre o eu e o Outro.

Mas existe mais de África neste livro, e até mesmo na vida de Francisco Martins Ramos. Alguns, como eu, ficarão mesmo surpreendidos quando, a propósito da vida e obra de Ruy Duarte de Carvalho, o antropólogo confessa a relação umbilical que o liga a Angola: “De facto, foi Angola que despertou em mim a opção da Antropologia: em Maquela do Zombo, nos anos 60 do século passado, li uma sebenta de Jorge Dias que me inspirou para a aventura cultural da descoberta dos Bakongos. Mais tarde, nas deslocações a Cabinda, alimentei o sonho completado com o testemunho recolhido noutras sociedades que posteriormente visitei – Gabão, Costa do Marfim e Senegal” (p. 29).

O texto “Bourdieu, Etnólogo – Uma Questão de Honra”, introduz de forma mais directiva o leitor nos lugares académicos por onde o autor circula com o à-vontade próprio da experiência e saber acumulado. Do ponto de vista teórico, este livro constitui também uma oportunidade para (re)lembrar os grandes nomes que ajuda(ra)m a consolidar a Antropologia enquanto campo disciplinar autónomo. A um primeiro apontamento sobre o contributo de Bourdieu para a Antropologia e Etnologia segue-se em “As Nossas Meninas” uma referência mais aprofundada ao trabalho de Claude Lévi-Strauss, em particular a obra “Tristes Trópicos”. Qualquer um destes textos não constitui porém uma análise encerrada no tempo e espaço dos autores a que se dedicam; ao invés, quer o contributo bourdiano, quer a visão lévi-straussiana são constantemente cruzadas e desafiadas com reflexões actuais, seja a propósito da situação geopolítica no Norte de África, tanta vezes recordada a partir da cultura Cabília, seja com referência à campanha internacional “Bring Back our Girls” suscitada na sequência do rapto de mais de 200 jovens cristãs e algumas muçulmanas de uma escola nigeriana por um grupo radical islâmico, em 2014. O texto “Trópicos Ibéricos – A Aculturação Discutível” retoma conceitos-chave como a diversidade das culturas humanas, aculturação, relativismo cultural e mudança, especificamente a que deriva do contacto de culturas veiculado através do colonialismo. E, de novo, vem ao de cima a questão da(s) identidade(s), tópico que o autor exemplarmente assim sintetiza: “Escrever ou falar sobre identidades é, sempre, situarmo-nos em confronto, pacífico ou violento, com o “outro”: estranho, exótico, diferente, distante, vizinho, adversário, inimigo, aliado.” (p. 99).

O lugar académico é também o lugar de inscrição da especificidade metodológica que sustenta a Antropologia e a Etnografia. O primeiro texto que integra este propósito intitula-se “O Registo Etnográfico no Trabalho de Campo Antropológico”. Trata-se de um apontamento de natureza essencialmente pedagógica, teórica e metodologicamente fundamentado, com referência aos grandes vultos da antropologia, vocacionado para os es-

tudantes e destinado a neles cultivar o gosto pelo trabalho de campo antropológico, o qual constitui, segundo o autor, uma “abordagem totalizante” (p. 75). Adiante, em “Antropologia, Desejos Metodológicos e o Diário de Campo”, o autor amplia e aprofunda o tema, nomeadamente através da discussão em torno do lugar do diário de campo na pesquisa antropológica, que oportunamente situa no contexto mais amplo dos modos de autoridade científica, da escrita e publicação de etnografias, hoje.

Finalmente, este livro é também um lugar de afirmação teórica dos estudos em Turismo, área de conhecimento relativamente nova a que o autor se tem dedicado de forma contínua e aprofundada, tanto no plano da docência e da investigação, como também da extensão universitária. Em concreto, podemos agrupar sob este tema cinco textos, o que no total perfaz cerca de um terço da obra. No texto-ensaio “Para uma Antropologia do Turismo” o autor apresenta a Antropologia do Turismo alicerçada na ideia de que o turismo é um fenómeno social total, de carácter complexo e multifacetado, simultaneamente social, económico, cultural e político. Ao mesmo tempo, situa-a – e desafia-a epistemologicamente – no cenário recente em que as actividades turísticas se têm intensificado em número e impacto na sociedade contemporânea, nomeadamente ao nível da mudança que inevitavelmente acarretam junto dos residentes locais. O turismo é, afinal, um lugar por excelência de afirmação do (que é) estranho, seja através do turista que se apresenta às comunidades anfitriãs, seja por meio desse mesmo turista que estranhamente se confronta com determinadas comunidades. Sem descurar a natureza económica da actividade, Francisco Martins Ramos trata o fenómeno turístico dos dias de hoje como um “veículo aculturador” (p. 173) e enuncia os desafios que daí se impõem para uma Antropologia do Turismo.

232 | Em “Turismo e Cultura”, texto de natureza igualmente teórica, o autor enfatiza esta relação dialógica em perspectiva sócio-antropológica por relação com o desenvolvimento humano e económico. E, ao mesmo tempo que recupera os exemplos simultaneamente clássicos e globais da Antropologia, conduz o leitor a reflectir sobre o espaço que o rodeia. Porque, como afirma parafraseando José Cutileiro, “[s]er culto é ser de um sítio” (p. 205), convida-nos, por fim, a tornar estranho o que nos é familiar e a olhar com novos olhos realidades tão próximas e contemporâneas: Monsaraz, Óbidos, Monsanto, Nazaré ou Funchal.

Os três textos que rematam a secção dedicada aos estudos em Turismo oferecem reflexões novas e criativas para todos quantos se interessam pelo tema e, certamente, inspiradoras para os recém-introduzidos no tópico. A partir do epítome “Artesanato e Turismo”, o autor aborda o artesanato como parte integrante do que se denomina turismo cultural e situa-o na intersecção entre a disponibilidade e riqueza dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural (e urbana) e a criatividade dos artífices. Os exemplos são múltiplos e diversos e vêm tanto da cestaria como da pedra ou dos metais, sempre com a região Alentejo em pano de fundo. No final, reforça-se a relação entre artesanato e turismo e conclui-se sobre o modo como essa relação enriquece, mediatiza e fortifica o contacto entre culturas. O texto “Breves Notas sobre o Enoturismo” explora o turismo e actividades correlatas como factor económico significativo para as comunidades anfitriãs. Em concreto, de modo simultaneamente aprofundado e ilustrado, trata a função e a importância sociocultural do vinho, a comercialização, motivações, comportamento e perfil dos enoturistas e os diversos produtos que compõem uma oferta turística alargada neste sector. Por fim, o “Turismo Pop” é-nos apresentado como um segmento do turismo cultural em que a viagem e a experiência turística é inspirada ou motivada pelo cinema, música, literatura ou pela presença prolongada

ou efémera de personagens mediáticos em determinados locais. Como afirma, “[s]ão, em muitos casos, a matriz identitária, inventada ou reinventada, de lugares, espaços, pessoas, territórios, mitos e crenças, resíduos nostálgicos.” (p. 231). Ora, o potencial desta categoria é de tal forma importante que o autor sugere uma análise mais atenta e aprofundada da realidade que nos rodeia, de modo a que seja possível daí extrair “elementos determinantes para a potenciação da actividade turística pela via de escritores, artistas, livros, políticos, canções, protagonistas e figuras históricas e mediáticas da nossa cultura popular (ou erudita).” (p. 232).

No domínio dos lugares simbólicos, e num exercício de aproximação empírica à Antropologia, Francisco Martins Ramos explora em dois textos consecutivos o simbolismo muitas vezes invisível de elementos-chave da cultura: a água e a paisagem. “Mãe d’Água” trata da simbólica da água e do imaginário que a sustenta: a religiosidade popular e a relação metafórica e simbólica de diversos elementos presentes no quotidiano aparentemente anódino, ligando-a, por fim, aos desejos e ensejos em torno do Empreendimento de Fins Múltiplos da Barragem de Alqueva. Numa versão modificada de um texto que serviu inicialmente os propósitos de consolidar a candidatura a Património da Humanidade, “Marvão: uma Singular Paisagem Cultural” constitui um elogio a esta vila do Norte Alentejo, onde o autor apresenta, explora e revela a “universalidade e lugaridade” (p. 130) presente numa simbiose única paisagem/cultura.

Mas os lugares cruzam-se e sobrepõem-se. Por isso neste livro Francisco Martins Ramos faz também questão de homenagear um conjunto de académicos que conheceu pessoalmente, com quem conviveu de perto e que fazem parte indelével dos *seus* lugares afectivos. António Fialho Pinto e Eduardo Cruz de Carvalho, já citados em “Antropologia, África, Personalidades”, e Augusto da Silva, aqui relembrado num tocante texto autónomo, ocupam os *lugares de honra*, merecidamente reservados pelo papel que estes intelectuais assumem na história das ciências sociais, da Antropologia e da Etnografia de língua ou influência Portuguesa, mas também na *sua* vida e, porventura, também na vida de alguns dos eventuais leitores.

No domínio dos lugares afectivos este livro reserva ainda espaço para tratar o lugar onde o autor passou os anos da sua infância, “aqueles em que somos pequeninos e o espaço que nos envolve é gigantesco” (p. 161) e que agora perspectiva do avesso. “A Minha [sua] Aldeia”, significa Amareleja, aldeia natal do autor, na margem esquerda do Guadiana, a pouco mais de cinco quilómetros da fronteira de Espanha e que Francisco Martins Ramos aqui homenageia em divagações que surgem a propósito da memória e das [suas] muitas memórias pessoais e colectivas.

Se é verdade que o olhar *faz* a Antropologia, então a Antropologia é um lugar estranho. Desconhecido de muitos, este é um lugar de entendimento do mundo, da sua cultura e diversidade; singular e extra-ordinário, que está para além dos lugares-comuns, banais e comprometidos que compõem o dia-a-dia. Não por acaso, “a diferença”, “o estranho”, “o Outro” são problemáticas antropológicas por excelência. Não por acaso também, a Antropologia desempenha um papel fundamental no (re)conhecimento que “[...] até os Estados preenchidos por apenas uma única nação (de que Portugal é um exemplo paradigmático) se vêm confrontados com heterogeneidades e singularidades diferenciadoras locais e regionais.” (p. 101) e no evitar que os estranhamentos, sob a forma de preconceito, continuem a marcar “perversamente os contactos de cultura” (p. 45). Este livro ilustra-o de modo notável.